

LITERATURA, VIOLÊNCIA E FOME: PONTOS CONVERGENTES NAS LINHAS D'OS SERTÕES, D'A BAGACEIRA, D'O QUINZE E PEDRA BONITA

Paula Regina Siega*

paula.siega@gmail.com

Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Federal do Espírito Santo

Maria Cláudia Bachion Ceribeli**

claudiabachion@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O artigo aborda as obras *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, *O Quinze* (1930) de Rachel de Queiroz, e *Pedra Bonita* (1938), de José Lins do Rego, objetivando identificar pontos em comum, como a violência compositiva da estruturação formal do sertanejo: a fome e o meio – natural e social - hostil. O estudo permite delimitar problemáticas em torno da vida no sertão que, denunciadas na obra euclidiana, são ficcionalizadas pelos romances almeidiano, queiroziano e reguiano, observando-se a relação entre a literatura e o contexto de sua criação. A abordagem possibilita vislumbrar a literatura como forma de provocar reflexões, outras percepções ante a realidade de violência com a qual os indivíduos se habituaram, podendo contribuir para alterar esse quadro, sobretudo quando se verifica, dia a dia, o número crescente das suas vítimas.

Palavras-chave: Literatura e violência. Literatura e fome. Literatura e sociedade.

1 Da literatura e do direito, da violência e da fome

* Doutora em Línguas, Culturas e Sociedades pela Universidade de Veneza (2011). Professora visitante na Universidade Estadual de Santa Cruz (Bahia) desde 2014. Pós doutora pela Universidade Federal do Espírito Santo, modalidade DCR-CNPq/FAPES (2012-14). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras - Linguagens e Representações da UESC e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES. Atua nas linhas de pesquisa Literatura e Interfaces (UESC) e Poéticas da Antiguidade à Contemporaneidade (UFES). Interessa-se pelos seguintes temas: literatura brasileira; representações da antropofagia na literatura e artes brasileiras; representações de categorias sociais e étnicas na literatura brasileira; literatura, história e cultura; leitura e apropriação. Orientadora de Mestrado e Doutorado. Membro do Núcleo Docente Estruturante do Colegiado de Letras e do Comitê Científico da UESC. Co-líder do grupo de Estudos Cânone: dissidências e reexistências (UESC). Membro do grupo Núcleo de Estudos em Transculturação, Identidade e Reconhecimento (Ca Foscari; UFES).

** Doutoranda em Letras na área de concentração dos Estudos Literários, na Universidade Federal do Espírito Santo. Mestrado em Letras na área de concentração dos Estudos Literários, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2019). Especialista em Ciências da Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e pela Università Ca Foscari Venezia. Licenciatura Plena em Educação Artística pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Docente desde 1984, tendo atuado até 2004 na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e, a partir de 2005, na Secretaria da Educação do Estado de Goiás, onde permaneceu até 2010. Entre 2011 e 2015, atuou como professora de Arte no Estado do Espírito Santo. Atualmente é professora efetiva de Arte no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), atuando como coordenadora do Núcleo de Arte e Cultura do Campus Piúma entre 2016 e 2021.

Terry Eagleton, em sua introdução à teoria literária do início dos anos 1980, afirma que a literatura não existe de forma dissociada do contexto social em que é produzida; tampouco existe a análise crítica neutra, já que todo viés teórico, com maior ou menor consciência, apresenta também um viés político (Eagleton, 2006). No Brasil, as relações entre literatura e sociedade foram constantemente retomadas por Antonio Candido, que em alguns momentos frisou a ambiguidade dos intelectuais em relação a problemas como a fome e a miséria. Em 1965, em um congresso italiano sobre a América Latina, por exemplo, Candido desmentia a imagem brasileira de nação harmoniosa e pacífica, elaborada em torno da ideia de “homem cordial”. Os laços familiares e do “coração” que pareciam ser uma forma amigável de reger as relações brasileiras eram apontados, em vez, como um mecanismo que mascarava a violência e injustiça intrínsecas à nossa sociedade (Candido, 1967).

O crítico retomaria aspectos dessa discussão que envolvia a posição dos letrados em relação às mazelas do subdesenvolvimento em “O direito à literatura”, palestra feita em 1988 para a universidade Mackenzie, em período de redemocratização do país. Candido (2011) entendia os direitos humanos a partir do princípio de reciprocidade: o que se quer para si, se deve querer também para o outro. A literatura é então entendida como “bem humanizador”, no seu papel de formadora de sensibilidade, e como um direito à fruição de bens culturais de qualidade, ou seja, aqueles capazes de produzir conhecimento sobre a realidade, revelando suas contradições e problemas de modo formalmente apurado.

Segundo Marcos Piason Natali (2006, p. 33), o ensaio de Candido pressupunha “um modelo pedagógico de democracia, em que a cultura”, é “uma força civilizadora” modernizante (superação do atraso) e “base do sistema educacional”. Tratar-se-ia de uma concepção moderna, para a qual as práticas encantadas do mundo antigo – identificadas com a tradição oral – são assimiláveis à ficção; humanização significa, então, modernização, ou seja, acolhida do direito liberal como modelo universal e transcendente de cultura (Natali, 2006). No século XXI, conclui o estudioso, a fórmula já não é suficiente, pois modificaram-se os modos de percepção cultural: não se trata somente de aceder aos bens, mas de produzi-los à imagem e semelhança de quem os faz. Assim, conclui Natali (2006), se permanece a ideia liberal da universalidade dos direitos humanos, cai por terra a ideia da universalidade de determinados bens culturais.

A relação entre literatura e direito será abordada também por Jaime Ginzburg em sua tese de livre docência, em 2010. Do seu ponto de vista, para que existam os direitos humanos, é necessário enunciá-los, e esta enunciação se dá pela linguagem. As interdições (censuras e silenciamentos) são tentativas de impedir justas demandas sociais, e o direito à literatura, aqui, se transforma em luta pelo direito à participação do mundo letrado (que inclui o mundo das leis), para atuar na “defesa de si” (Ginzburg, 2010a, p. 110). A interdição autoritária, prossegue Ginzburg, se faz também tolhendo à vítima as suas possibilidades de expressão, e os exemplos selecionados como exemplo da exclusão autoritária do mundo letrado são Fabiano, de *Vidas secas* (1938), romance de Graciliano Ramos, e Macabéa, de *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector (Ginzburg, 2010a, p. 109-110). Ambos os personagens são provenientes do Nordeste, são pobres e têm dificuldade de expressão, com nenhuma ou pouca alfabetização, enquanto os narradores são homens cultos, com domínio e fluência na linguagem escrita. Mas enquanto o narrador de *Vidas secas* é empático às dores de Fabiano, o narrador de *A hora da estrela* é sarcástico em relação a Macabéa. Ginzburg indaga, então, pelo papel ético dos intelectuais: estão eles comprometidos com os excluídos? De que lado escolhem ficar, na luta por direitos? Aqui, retoma o princípio da reciprocidade, ao qual Candido já havia acenado: os direitos que quero para mim não posso negar ao outro.

Em sua visão também desencantada, Ginzburg entende que a literatura brasileira pode ser abordada considerando as relações estabelecidas com a violência, da qual é muitas vezes uma forma legitimadora (Ginzburg, 2010b). Refletir sobre os textos literários que a representam possibilitaria dar visibilidade “à violência traumática das experiências brasileiras”, afastando-nos da idealização de “uma identidade nacional totalizante, não conflitiva e fechada em si mesma” (Ginzburg, 2010b, p. 129). Por outro lado, existem textos cuja leitura é capaz de operar o deslocamento de percepção, em ruptura com abordagens totalitárias e em atuação de uma crítica ética, ou seja, uma tomada de posição que é empática às vítimas da violência e resistente à celebração dos algozes.

As considerações de Ginzburg convergem com as de Sergio Adorno (2022), que está entre os coordenadores do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da Universidade de São Paulo. O cientista social chama a atenção para a violência generalizada que permeia todos os espaços da sociedade brasileira, produzindo

“graves violações dos direitos humanos que comprometem o mais elementar dos direitos, o direito à vida” (Adorno, 2022, p. 301-302).

Uma das formas de violação de tais direitos é a pobreza, cujos efeitos não são dimensionáveis somente nas condições materiais da existência, mas também em impactos culturais e psicológicos. A falta de recursos econômicos, alerta o *Office for Humans Rights* da Organização das Nações Unidas, “é também a violação da dignidade humana”, e seus efeitos são a interdição ao acesso aos direitos básicos de sobrevivência, como saúde, habitação, comida e água, assim como aos de justiça, participação política e segurança (ONU, 1996-2023, p. 1).

Pelo prisma dos direitos fundamentais, assim como a violência está relacionada à fome, a fome pode ser considerada como uma forma de violência. Sobre a relação estabelecida entre estas duas forças primordiais lembremos que, em 1965, no mesmo congresso em que Antonio Candido alertava sobre a falácia do homem cordial, Glauber Rocha (2004) defendia a sua tese sobre a estética da fome, tecendo elos com a literatura para localizar no romance de 30 as raízes do Cinema Novo. Com uma fala cortante e provocadora, o cineasta denunciava o desejo de primitivismo do europeu – em que se comprazia o olhar sobre o “atraso” – e acenava à estética da violência como uma forma revolucionária de produzir arte no terceiro mundo. A cultura da fome era a cultura da violência, ambas potencialmente trágicas, expressas naquela fase pela representação do sertão nordestino em filmes como *Deus e o diabo na terra do sol*, *Vidas secas* e *Os fuzis*.

Com este quadro em mente, recuemos algumas décadas e consideremos o estudo sobre a fome realizado por Josué de Castro, em 1946.

2 A agressividade dos famintos: literatura como fonte de conhecimento social na *Geografia da fome*

Geografia da fome é não somente um estudo sobre a fome no Brasil, mas parte de uma estratégia de combate ao problema assumida pelo médico, pesquisador e ativista Josué de Castro. Nascido em 1908, era filho “de um agricultor do Sertão Nordeste que em 1877, em função da seca, migrou para a capital, viveu sua infância e adolescência em um bairro pobre, às margens do rio Capibaribe” (Vasconcelos, 2008, p. 2710).

A obra foi publicada em 1946, quando estavam ainda frescas na memória as imagens cinematográficas dos famélicos prisioneiros dos campos de concentração europeus, aos quais o escritor faz referência para dizer da existência da fome também no Brasil. No livro, são detalhadas as particularidades geográficas, climáticas e geológicas de cada região do país, analisando a relação entre as características físicas, biológicas, psíquicas e mentais do habitante de cada espaço territorial brasileiro e as condições oferecidas por esse meio (natural e social) para sua sobrevivência.

Castro aborda o problema da fome sob um ponto de vista de quem tenta compreendê-lo para contribuir à sua eliminação, e, para tanto, realiza uma divisão geográfica da fome a partir da produção alimentar de cinco zonas brasileiras, introduzindo “os conceitos de áreas alimentares, áreas de fome endêmica, áreas de fome epidêmica” (Vasconcelos, 2008, p. 2711).

No que tange a região nordestina, o estudo apresenta uma bibliografia de referência que demonstra não só a erudição do escritor, mas a sua abordagem inovadora em relação à cultura. Castro se serve de textos científicos e também de textos literários para compor o substrato teórico e simbólico que fundamenta o seu entendimento das secas cíclicas no sertão nordestino, e do comportamento violento de cangaceiros e beatos que encontraria explicação na fome. São substratos de referência a obra de Euclides da Cunha, *Os sertões* (1902), e os romances *A fome*, de Rodolfo Teófilo (1890), *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz e *Pedra Bonita* (1938), de José Lins do Rêgo.

Em *Os sertões*, Josué de Castro (1984, p. 207) recorda, além das passagens descritivas da natureza, a “famosa frase de Euclides da Cunha” que enaltece o sertanejo como forte, mesmo enfrentando um meio árido e hostil. A referência à obra é utilizada para entender a periodicidade dos “horrores indescritíveis da seca” que trazia calamidade e fome, e também para entender a “gênese do jagunço” e dos “fatores que condicionam a formação de um Antonio Conselheiro, fanático cangaceiro, síntese de toda a psicologia da sociedade que o formou” (Castro, 1984, p. 250).

Castro se serve do texto euclidiano para confirmar a honestidade dos vaqueiros, valendo-se de uma descrição do jornalista acerca da lida com os animais: se aparecia algum de outro dono, era imediatamente devolvido, e caso o dono fosse desconhecido, o vaqueiro não tirava proveito da rês, mas cuidava dela e deixava-a morrer de velhice. Se Euclides da Cunha dava testemunho dos rigorosos princípios

morais do sertanejo, Raquel de Queiroz era citada para exemplificar a quebra da ordem natural provocada pelas secas: “Pois essa gente de princípios morais tão elevados dá, na época da seca, para roubar o gado alheio, para roubar cabras, como aquele personagem de *O quinze* que, num desses delírios de fome, perdeu os escrúpulos morais” (Castro, 1984, p. 249).

Também José Américo de Almeida é citado por Castro para ilustrar com exemplos a situação de calamidade atravessada pelos retirantes em época de seca. No romance *A bagaceira*, o escritor “dá-nos o mais fiel retrato desta retirada inglória, principalmente dos tristes contatos humanos entre sertanejos e brejeiros. O livro concentra quase toda a sua força dramática em mostrar a miséria da humilhação sertaneja” (Castro, 1984, p. 228).

As figuras dos esfomeados são recordadas por Castro (1984, p. 229) fazendo menção às “levas de retirantes” que atravessavam a caatinga em direção da cidade “com as suas pernas de graveto carregando enormes ventres estufados pela hidropisia, dando ironicamente uma impressão de plenitude e de saciedade”.

Mas a fome, diria o estudioso, não afetava somente o corpo dos sertanejos: ela agia também “sobre o seu espírito, sobre sua estrutura mental, sobre sua conduta social” (Castro, 1984, p. 242). Como o de “qualquer animal esfomeado”, o comportamento humano se alterava em condições extremas, nas quais eram localizadas as razões dos fenômenos do cangaço e do beatismo: “Contribuem, desta forma, as secas e as fomes periódicas que delas decorrem para a cristalização desses tipos característicos da vida social do sertão: o cangaceiro e o beato fanático” (Castro, 1984, p. 249).

O exemplo selecionado para reforçar a argumentação é o personagem Chico Bento de *O Quinze*, que na ficção de Raquel de Queiroz matara um animal que não lhe pertencia e tinha tido ímpetos de fazer o mesmo com o dono quando foi por ele humilhado e enxotado.

Sobre o romance de Raquel de Queiroz, Castro diz:

Da seca de 1915 tem-se um documentário admirável na obra de Rachel de Queiroz, *O Quinze*. Romance em que, mais do que a miséria orgânica dos sertanejos esfomeados, é retratada em traços seguros a miséria moral a que ficam eles reduzidos durante esse período de privações extremas. Poucos livros se prestarão tão bem para uma interpretação científica das influências psicológicas do fenômeno coletivo, sobre a conduta moral de um povo, do que este romance de Rachel de Queiroz. Donde o largo uso que dele fizemos no capítulo em que analisamos a mentalidade anormalizada dos flagelados da seca (Castro, 1984, p. 228).

A aproximação entre o romance e a ideia de documentário se dá pela representação convincentemente realista da seca realizada pela narrativa de Raquel de Queiroz. São de *O Quinze* as figuras como a “caatinga morta”, “as folhas secas no chão que estalavam como papel queimado”, o viajante que sente “por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza”, as lamentáveis e pobres árvores “mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada”, o chão agreste cheio de “galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos” (Queiroz, 2022, p. 23-24).

Já *Pedra Bonita* seria considerado como um importante “estudo psicológico” sobre a tentativa de fuga do destino trágico do sertanejo, que lhe apresenta como opções o cangaço ou o beatismo. Na narrativa, a família do personagem Antônio Bento descende de um traidor que teria assassinado o “santo” da Pedra e por isso incumbia sobre todos uma sina infeliz. O pai, Bentão, morre sem nunca ter tentado alterar sua vida de fracassos. A mãe comete suicídio pelo desgosto de ver os filhos Aparício e Domício entrarem para o cangaço, enquanto o caçula, Bentinho, vive um conflito psicológico durante toda a narrativa, esforçando-se por fugir ao destino dos irmãos. A violência do latifúndio é representada, entre outras passagens, pela voz do personagem do coronel Deodato, que fala em necessidade de manter “homens no rifle” e “cabras armados” para defender suas posses (Rêgo, 1973, p. 105).

Para Castro, o romance de José Lins do Rêgo era eficaz em mostrar como, num meio hostil e ciclicamente marcado pela calamidade, os sertanejos se viam compelidos a somar-se aos bandos de cangaceiros ou às comunidades religiosas que se reuniam em torno de figuras messiânicas. Nos dois extremos teríamos um:

Meio social formado de massas humanas predispostas à aceitação e à adoração desses tipos singulares que simbolizam a sua aspiração de fuga e miséria – fuga pela força do fuzil ou pela força da magia. A verdade é que, para o sertanejo, o cangaceiro raramente é um criminoso, um celerado, sendo cantado e louvado como um homem valente que joga cavalheirescamente a sua vida para defender os oprimidos e alimentar os famintos, roubando dos ricos para distribuir com os pobres (Castro, 1984, p. 255).

Considerando as palavras de Ginzburg (2013, p. 30-31), é “o narrador” quem direciona “a perspectiva; por meio dele, ficamos sabendo dos acontecimentos” e “é dele o ângulo pelo qual conhecemos os episódios relatados”. Se esse narrador é empático à violência, ou um agente dela, somos conduzidos a vê-la com naturalidade e considerá-la até mesmo justa. Se, ao contrário, discorda das práticas violentas, a

narrativa pode ganhar a forma de denúncia. Este é o tom dado por Euclides da Cunha à sua obra, cuja “Nota Preliminar” alerta sobre a violência que o Estado cometera contra os rebeldes: “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo” (Cunha, 2019, p. 11).

Já na obra de José Américo de Almeida, a denúncia se dá através do personagem Lúcio Marçau, um dos personagens centrais d' *A Bagaceira*, que se torna advogado e, no penúltimo capítulo, faz a defesa do sertanejo que, sabendo ter sido a filha desonrada pelo proprietário do engenho onde a família retirante, vitimada pela seca, buscava meios de sobreviver, havia violado a lei. O trecho merece ser citado. Nele, o autor, através das palavras de Lúcio, faz ver aos jurados, aos presentes e acusadores, que aquele homem simples do sertão, sem posses, sem condições de se manter no período da estiagem prolongada, é escusável do ato cometido, considerando que essas dificuldades são do conhecimento da sociedade e dos “poderes públicos”, mas seus integrantes nada fazem para alterar tal cenário e os habitantes daquele território, assim como os sofrimentos com os quais convivem periodicamente, são desconsiderados. O sertanejo é vítima da situação em que se encontra, não responsável por ela.

- O promotor acusou o réu, em nome da sociedade e eu acuso a sociedade em nome do réu.

[...] A seca chegou a aprazar suas irrupções com a lei da periodicidade. Todo o mundo tinha a previsão da catástrofe em datas fatais. E os poderes públicos não o atalharam; não procuraram corrigir os acidentes da natureza incerta que dá muito e tira tudo de uma vez. Essa vitalidade aleatória ficou, até hoje, à espera da intervenção racional que demovesse os obstáculos do seu aproveitamento e fixasse o sertanejo no sertão (Almeida, 1978, p. 225).

A perspectiva narradora de *Pedra Bonita* também parece realizar uma acusação contra o poder público, que só intervém com violência. A ideia é evidenciada na representação de um fazendeiro que mantém homens armados a seu serviço e declara que “a gente destas bandas não merece cuidado nenhum” por parte do governo, e que a “autoridade” policial, a volante, fazia “pior que os cangaceiros” (Rêgo, 1973, p. 105, 107). O desencanto em relação às forças da ordem aparece também na voz de Domício que, ao irmão Antônio Bento, diz: “vida de sertanejo é esta que tu tá vendo. Quando não é cangaceiro, é a volante fazendo essa desgraça que tu está vendo” (Rêgo, 1973, p. 167). Por fim, citemos a voz de um soldado da volante, que fala de si para Bento: “eu sou do sertão. Sertanejo vive sofrendo como couro de fazer

torrado. É um apanhar que não tem conta. Quando não é cangaceiro, é a força. Eu estou nesta vida, mas estou doido pra sair” (Rêgo, 1973, p. 179).

Josué de Castro conclui seu estudo sobre a fome no sertão com críticas à estrutura agrária e ressaltando que os homens da administração pública deveriam providenciar estudos técnicos e culturais antes de propor qualquer tipo de ação ambiental. Para o estudioso, a condição de subdesenvolvimento na região era expressão da continuidade dos modelos arcaicos de vida, baseados na monocultura, no latifúndio e em uma situação de isolamento em relação ao resto do país. Tratava-se de um verdadeiro “feudalismo agrário”, cuja organização social, econômica e moral era interrompida ciclicamente pela seca, produzindo uma fome orgânica que ia “corroendo a alma da raça” e mitigando a saúde física e mental dos sertanejos (Castro, 1984, p. 303). Os exemplos literários de que lançara mão serviam, na estrutura argumentativa do estudo, para expressar com dramaticidade e eloquência uma situação calamitosa para a qual solicitava empatia e mudanças.

3 Tristeza e melancolia em *O quinze* e *Os sertões*: uma leitura comparada

A primeira parte de *Os sertões* é dedicada a cuidar do meio árido em que vive o sertanejo. Há uma afinidade entre as representações das características hostis do ambiente do texto de Rachel de Queiroz e daquele que Euclides dá a conhecer ao seu leitor. Ambos apontam os formatos das árvores, a *secura* que altera a paisagem sertaneja. N’*Os sertões*, a *caatinga* é um ambiente permeado por uma vegetação de características agressivas, que parece preencher todo o espaço, impedindo qualquer aproximação de sujeitos que não fazem parte daquele território, como se observa no trecho a seguir.

[...] a *caatinga* o afoga [ao viajante]; abrevia-lhe o olhar, agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado; árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante.

[...] as suas árvores, vistas em conjunto, parecem uma só família de poucos gêneros, quase reduzida a uma espécie invariável, divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais morrendo, quase sem troncos, em esgalhos logo ao irromper do chão (Cunha, 2019, p. 48-49).

Em *O Quinze*, o trecho recortado revela o mesmo ambiente deprimente, onde parece não haver condições de vida para quem não está acostumado à escassez de água e à vegetação afetada pelo regime das chuvas e das características geográficas. O personagem que vive no sertão agreste castigado pela seca, o vaqueiro Vicente, cavalga

[...] através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. [...] Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapa à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas. E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos (Queiroz, 2022, p. 23-24).

É pela associação da voz da narradora e da personagem Conceição (a autora ora cede a voz à narradora, ora a Conceição) que o leitor vai acompanhar a vida dos sertanejos, saindo do espaço individual do quarto da personagem “independente, emancipada e infeliz” para o sertão amplo dos retirantes, revelando “a terra estéril da tragédia de Chico Bento” (Arrigucci Jr., 2000, p. 115). O personagem masculino, de acordo com o enredo e as palavras com que a narradora o descreve, é o tipo sertanejo/vaqueiro mais próximo daquele que habita *Os sertões* de Euclides da Cunha. Chico Bento trabalha como vaqueiro para uma grande proprietária de terras e “sua desgraça não advém somente da seca enquanto fenômeno natural, mas de como os fazendeiros lidam com ela”, como ocorre com ele, que será obrigado a se tornar retirante com a família, quando dona Marocas o manda embora e ele se vê “totalmente desassistido pela proprietária e sem qualquer recurso de seu” (Camargo, 2001, p. 156-157).

Em *O Quinze*, identificam-se questões que ultrapassam o relato da ocorrência da seca. Camargo (2001, p. 157), afirma que “a questão humanitária, moral mesmo, é que está em pauta, e um certo paternalismo se revela, já que a sorte dos pequenos depende apenas da atitude dos grandes”, mas não se questiona a “estrutura social injusta na base desse sofrimento dos flagelados”. Desse ponto de vista resulta um quadro semelhante ao representado por Euclides da Cunha, cuja compreensão dos acontecimentos de Canudos questiona as decisões dos “grandes” (governantes, grandes proprietários, políticos) sobre o destino dos “pequenos”, no caso, os canudenses (Cunha, 2019, p. 10-11, 512-513, 543, 549, 551), mas não se verifica

crítica à “estrutura social”, conforme a análise de Camargo aponta em relação a *O Quinze*.

Apesar de ser um romance voltado às questões sociais, como afirma Cattapan (2010, p. 111), “*O quinze* é bem pouco, ou nada revolucionário quanto à estrutura fundiária do sertão. Não são questionadas a propriedade privada nem a concentração das terras nas mãos de poucos”. Esta é outra semelhança em relação ao horizonte descortinado pelo texto euclidiano no que se refere ao destino que é reservado aos rebeldes, após o confronto com as quatro expedições militares enviadas pelo Rio de Janeiro. Os que não foram assassinados haviam fugido para algum recanto do sertão onde pudessem continuar a viver, da forma como lhes era possível, sem representar ameaça à ordem social.

Outro ponto de contato entre *Os sertões* e *O Quinze* se dá pela presença da religiosidade como signo característico do sertanejo para enfrentar as dificuldades que o meio apresenta. No romance, esta religiosidade se concentra na personagem Mãe Nácia, avó de Conceição, que faz a oração “depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José” numa rogativa em que fica subentendida a fé de que a chuva virá por graça divina (Queiroz, 2022, p. 17). Na segunda parte de *Os sertões*, que cuida de “O Homem” sertanejo, caracterizando-o em sua origem e comportamentos, tem-se o relato da expectativa em torno da seca que se anuncia e como ela altera as condições físicas e psicológicas na relação entre o ser humano e o meio:

A seca é inevitável.

Então se transfigura. Não é mais [o sertanejo] o indolente incorrigível ou o impulsivo violento, vivendo às disparadas pelos arrastadores. Transcende a sua situação rudimentar. Resignado e tenaz, com a placabilidade superior dos fortes, encara de fito a fatalidade incoercível; e reage. O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de uma luta que ninguém descreve — a insurreição da terra contra o homem. A princípio este reza, olhos postos na altura. *O seu primeiro amparo é a fé religiosa* (Cunha, 2019, p. 132, grifo nosso).

Esse embate frequente entre o ser humano e o meio, aspecto amplamente apontado n’*Os sertões*, encontra correspondência n’*O Quinze*. Reforçando a presença da “fé religiosa” como aspecto intrínseco da vida do sertanejo, nas páginas finais do romance queiroziano, como a seca permanece, mantendo-se o “rude calor e sua aflita miséria” pelo mês de setembro (só voltará a chover em dezembro), a narradora relata o evento em que, mesmo já maltratados pela aridez do meio, os retirantes continuam

apegados à religiosidade, esperançosos da intervenção divina para o retorno da água e, com ela, das condições para a vida (Queiroz, 2022, p. 130). O misticismo transparece nas atitudes de Mãe Nácia, que leva junto de si todos os santos e, durante a viagem que faz com a neta para a cidade, fugindo da seca, pega seu rosário para “rezar um bocadinho” em busca de consolo (Queiroz, 2022, p. 45). Recorde-se que, n’Os *sertões*, os canudenses tinham o hábito de fazer orações diariamente e se apegavam sempre às crenças religiosas para enfrentar as dificuldades que resultavam dos ataques à comunidade que haviam formado.

Durante toda a narrativa de *O Quinze*, as consequências da seca, mas não apenas dela, estarão associadas aos sofrimentos que os personagens sertanejos enfrentam. O meio está entrelaçado ao ser humano, assim como o narrador euclideano descreveu na segunda parte de sua obra, principalmente nos capítulos I a III. No romance de Rachel de Queiroz, essa relação e as consequências para o ser humano e tudo que está próximo dele, são anunciadas no segundo capítulo (Cunha, 2019, p. 75-135). Vicente, o primo de Conceição, aparece “encostado a uma jurema seca”; à sua frente, “um juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando”, enquanto “dirigia a distribuição de rama verde ao gado” (Queiroz, 2022, p. 20). Gado esse que era composto de “reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas”, muitas das quais tomadas por carrapatos, o que leva o jovem a pensar que, em vista de tantos problemas, tinha “vontade é de deixar morrer logo!” (Queiroz, 2022, p. 20-21). No entanto, “seu apego à terra” leva-o a cuidar do que nela está, o gado e seus empregados (Camargo, 2001, p. 156). O mesmo não se pode dizer de uma fazendeira da vizinhança, dona Maroca das Aroeiras. Rica proprietária de terra e gado, não se preocupa em preservar as vidas dos animais, tampouco a dos seus empregados, tratados como bens dos quais se desfazer. Os primeiros seriam soltos e os segundos demitidos em virtude da seca.

O meio natural hostil continua sendo descrito pela narradora onisciente, que dá detalhes sobre o ambiente e também sobre os sentimentos do personagem Vicente.

O que desolava Vicente, o que enchia seu coração enérgico de um infinito desânimo, era a triste certeza da inutilidade do seu esforço.

Em vão, mal amanhecia, iniciava a labuta sem descanso, e atravessava o dia todo no duro vaivém do serviço sem tréguas, cavando aqui uma cacimba, consumindo partidas de caroço de algodão, levantando, com suas próprias mãos, que o labor corajoso endurecera, as reses caídas de fraqueza e de sede.

Parecia, entretanto, que o sol trazia dissolvido na sua luz algum veneno misterioso que venciam os cuidados mais pacientes, ressequia a frescura das irrigações, esterilizava o poder nutritivo do caroço com tanto custo obtido. As reses secavam como se um parasita interior lhes absorvesse o sangue e lhes devorasse os músculos [...].
As ovelhas se reduziam agora a dez cabeças lamentáveis que marravam e gemiam [...].
Morria tudo (Queiroz, 2022, p. 125-126).

A descrição de Conceição condiz com a representação dos hábitos urbanos em contraste com a realidade arcaica. As origens familiares estão no sertão, mas suas “ideias” são resultado do convívio com os conhecimentos que adquire nos livros que sempre manuseia, inclusive “leituras socialistas” (Queiroz, 2022, p. 20). Essas “tais ideias” distanciam a jovem da avó, porquanto soam “estranhas e absurdas” diante das que Mãe Nácia preserva, conservando as tradições do mundo sertanejo (Queiroz, 2022, p. 20). Mantém, assim, a escrita de Queiroz, a oposição campo-cidade, sertão-litoral que marcara a escrita euclidiana, seguindo os moldes do confronto entre civilização e barbárie: “quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada [...] deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço da nossa gente” (Cunha, 2019, p. 191).

A distância entre a cidade e o sertão, como a representarem dois mundos inconciliáveis, transparece nas palavras com que a narradora demarca os personagens Vicente e Paulo, e algumas vezes traduzindo o pensamento da personagem Conceição. Observem-se os trechos recortados na sequência.

Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, *amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude*. Sempre o conheceu [Conceição] *querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso, apesar do desgosto que com isso sentia a gente dele*.
E a moça lembrou-se de certa vez, em casa do Major, no dia em que se inaugurou o gramofone, e as meninas, e ela própria, que também estava lá, puseram-se a dançar. Os pares eram o filho mais velho da casa – hoje casado e promotor no Cariri – e dois outros rapazes, colegas dele, que tinham vindo passar as férias no sertão.
Mal começou a dança, entrou Vicente, encourado, vermelho, com o guarda-peito desenhando-lhe o busto forte e as longas perneiras ajustadas ao relevo poderoso das pernas. A Conceição pareceu que uma rajada de saúde e de força invadia subitamente a sala, purificando-a do falsete agudo do gramofone, das reviravoltas estilizadas dos dançarinos.
Mas a mãe dele, que sentada ao sofá apreciava a dança, vendo-o, enxergou apenas o *contraste deprimente da rudeza do filho com o pracionismo dos outros, de cabelo empomadado, calças de vinco elegante e camisa fina por baixo da blusa caseira*.
Já Vicente enlaçava a prima que, rindo, saiu dançando orgulhosa do cavalheiro, enquanto, na sua ponta de sofá, a pobre senhora sentiu os olhos cheios de lágrimas, e *ficou chorando pelo filho tão bonito, tão forte, que não se envergonhava da diferença que fazia do irmão doutor e teimava em não querer “ser gente”...* (Queiroz, 2022, p. 26-27, grifos nossos).

O pessimismo em relação ao sertanejo, e ao que o sertão representa, é nítido nas palavras da narradora: ser gente é se livrar do sertão, é instruir-se e virar doutor, o que significa civilizar-se.

Um sentimento melancólico permeia a vida dos personagens sertanejos de *O Quinze*, assim como envolvia o Conselheiro e seus seguidores n'Os *sertões*, diante da incompreensão e da violência com a qual são tratados pelos indivíduos que não enfrentavam as mesmas adversidades (o meio agreste hostil, as privações, a exploração pelos mais poderosos, o desrespeito às suas tradições e cultura, entre outras). Essa constatação nos leva às palavras de Jaime Ginzburg (2013, p. 48), “o melancólico estaria, portanto em uma espécie de ponto de mediação temporal, a partir do qual se vê com sofrimento o passado, em razão das perdas, e se inquieta com o futuro, pelo medo de um possível dano”.

Considerando o sofrimento ao qual estão expostos os sertanejos de *O Quinze* e o que sofreram os canudenses n'Os *sertões*, em decorrência de todas as perdas e da insegurança diante de um futuro que não ensejava alterações das situações enfrentadas, o constante estado melancólico pode ser compreendido.

Em Euclides, é o vaqueiro que conduz a boiada ao som “daquele canto triste e preguiçoso” (Cunha, 2019, p. 126); o sertanejo constatando, “entristecido” que se aproxima mais um período de seca, os retirantes cantando “ladainhas tristes” enquanto buscam locais onde ficar até que a água retorne; “a prole apavorada” que “o matuto considera” e “os bois sucumbidos” que “contempla entristecido” diante da falta de água (Cunha, 2019, p. 131-133); “o povoado triste” [de Monte Santo] que “reflete o mesmo abandono, traíndo os desalentos de uma raça que morre, desconhecida à História, entre paredes de taipa” (Cunha, 2019, p. 240); as “ladainhas” das mulheres entoadas em uma paisagem de “aspecto lúgubre”, com seus “*mandacarus* despidos e tristes” (Cunha, 2019, p. 26, destaque do autor), com uma nota de “tristeza solene” (Cunha, 2019, p. 54) dominando os aspectos da vida nos sertões.

Em Rachel de Queiroz, será Chico Bento, o “vaqueiro das Aroeiras” que “aboiava dolorosamente” o gado que estava sendo solto para morrer (Queiroz, 2022, p. 29); o mesmo Chico Bento com “o vulto curvado”, “mais corcunda e mais triste” tentando vender seus animais para sair com a família retirante (Queiroz, 2022, p. 35) e, às vésperas da partida, “triste e aguda, a melancolia do desterro próximo” (Queiroz, 2022, p. 38); Duquinha, o filho caçula de Chico Bento, que, durante a viagem “tateava o peito

da mãe, mas num movimento tão fraco e tão triste que era mais uma tentativa do que um gesto (Queiroz, 2022, p. 73); Cordulina, a esposa de Chico Bento, respondendo “tristemente”, já no campo de concentração, à pergunta de Conceição sobre sua condição, “ainda estou viva” (Queiroz, 2022, p. 97); Chico Bento contando “tristemente” à Conceição e à sua avó sobre “toda a fome sofrida e as consequentes misérias” (Queiroz, 2022, 104), entre outros momentos revestidos de grande melancolia.

O meio hostil ao sertanejo estava também na oposição social que sofria, e para a qual parecia estar menos preparado do que para a seca: ao lidar com a corrupção dos agentes públicos, Chico Bento percebe que precisa mais do que suas qualidades de homem trabalhador e honrado, disposto a vencer as barreiras que o livrariam, e à sua família, de morrer de fome, durante a seca em curso. Dirigiu-se a Quixadá porque soube que o governo estava dando passagens gratuitas de trem até Fortaleza, mas, para “ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos” só haveria passagens para daí um mês e foi orientado a fazer a viagem a pé, porque “retirante” não precisava desses “luxos”, enquanto que, para um certo Matias Paroara foram cedidas cinquenta passagens (Queiroz, 2022, p. 39). E enquanto Chico Bento inicia a viagem com a família a pé, Conceição e a avó vão para a cidade de trem.

No capítulo nove de *O Quinze*, a narradora descreve os reveses por que passa a família de Chico Bento. O sertanejo trabalhador, que há poucos dias vaquejava nas terras da Aroeira, agora vê a si e a toda a família dormindo ao relento, com fome, em consequência da seca e da forma como os mais ricos tratavam os mais pobres. São duros golpes que o meio desfere no ser humano. A família, tão cara ao sertanejo, começa a ser abatida. A primeira a deixar o grupo é Mocinha, sua cunhada, que consegue emprego na casa de uma senhora e, ao ser demitida, passa a se prostituir. Um dos filhos de Chico Bento, Josias, tem um destino trágico: quando a família passava por um pequeno sítio abandonado onde ainda havia restos de uma plantação de mandioca, afastou-se dos pais, faminto, arrancou a raiz e comeu, crua, o que lhe causou terríveis sofrimentos, até que a morte se consumasse.

Quando o sertanejo chega à cidade, é isolado, impedido de adentrar e conviver no meio urbano. A mesma distância já denunciada por Euclides da Cunha (2019, p. 191), n’*Os sertões*, enquanto disserta sobre a falta de conhecimento do litoral urbano sobre o sertão agrário, aparece em *O Quinze*, assim como a falta de assistência, o abandono por parte dos governantes para com os habitantes do interior do país. O

sertanejo vê-se isolado. Em Rachel de Queiroz, os campos de concentração¹, locais construídos para que os sertanejos retirantes ficassem alojados, às margens da cidade, até continuarem a viagem para seu destino final, demonstram as situações referidas no parágrafo. É para esse ambiente que o sertanejo Chico Bento e sua família serão encaminhados, e, a cada nova situação, são obrigados a se adaptar.

Naquela espécie de curral humano, Conceição encontra uma sertaneja que trabalhara para o primo e fica sabendo que Vicente, por quem nutre um amor nunca verbalizado, vê com frequência uma “cabocla” e sente-se enciumada. Nesse momento da narrativa, observa-se o mesmo pessimismo em relação à mistura de raças que Euclides já havia descrito quando percorria sobre a gênese do sertanejo. Traduzindo o pensamento de Conceição, que a descreve como “uma cabra, uma cunhã à toa, de cabelo pixaim e dente podre!” (Queiroz, 2022, p. 67-68), a narradora de *O Quinze* revela o preconceito, que fica evidente quando a moça, contando o caso para a avó, indaga a esta se ela não “acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras” e ouve, em resposta, que ela “não é uma negra; é uma caboclinha clara” (Queiroz, 2022, p. 69-70).

Voltando às dificuldades que o meio (natural e social) ia apresentando à família de Chico Bento, alterando suas condições físicas e psicológicas, o narrador descreve mais um trecho da caminhada da família de retirantes. Em certo momento, Cordulina afirma não conseguir prosseguir e as palavras que traduzem o pensamento de Chico Bento revelam as transformações ocorridas na esposa, em virtude das dificuldades impostas pela vida miserável. Antes de enfrentar as adversidades, a mulher era “gorda e alegre”, mas, agora, tinha “a pele empretecida como uma casca” e vestia andrajos para cobrir-lhe os ossos aparentes, assim como os tinha também Duquinha, o filho caçula, que se encontrava debilitado, doente e em vão tentava buscar alimento no “peito da mãe” (Queiroz, 2022, p. 72-73). Cada vez mais afetado pelas condições ásperas que enfrenta com a família, agora com a “cabeça dolorida”, “tresvariando”, “a vista turbando-se”, Chico Bento sai em busca de qualquer alimento pela caatinga, seguido pelo filho Pedro; envolvido pelo vento que parecia o “sopro da morte; na terra desolada não havia sequer uma folha seca; e as árvores negras e agressivas eram como arestas de pedra, enristadas contra o céu” (Queiroz, 2022, p. 73-74), e diante da situação, apresenta-se a ocasião para que o sertanejo cometa um “crime”, pegando

¹ Para mais detalhes sobre a criação dos campos de concentração no Ceará, veja-se o texto de Marina Rossi (2019).

o que não é seu, coisa que, para aquela sociedade, é imperdoável. A descrição da lealdade do vaqueiro que cumpre um “contrato” com o fazendeiro, sem que este tenha conhecimento, e não se apropria de nada que não seja seu, é descrita por Euclides n’Os *sertões* (Cunha, 2019, p. 122-123). Os vaqueiros passam a vida “cuidando”, “fielmente, dos rebanhos que lhes não pertencem”, “o verdadeiro dono, ausente, conhece-lhes a fidelidade sem par. Não os fiscaliza”, e essa honestidade é reconhecida por Euclides (2019, p. 123) como “traço encantador da probidade dos matutos”.

Quando Chico Bento percebe a presença de uma cabra, não perde tempo em atacar o animal e extrair a carne para levar aos seus. No entanto, surge o dono da criação e parte para as ofensas, acusando-o do roubo, humilhando-o (Queiroz, 2022, p. 75-76). Nesse momento, passa, por um instante, pela cabeça de Chico Bento, entrar em luta corporal com o dono do animal, com a mesma faca com a qual havia morto a cabra, mas desiste, porque “faltou-lhe o ânimo” (Queiroz, 2022, p. 76).

Pedro, o filho que acompanhava Chico Bento, leva as tripas para a mãe, que lhe solicita se dirija à casa próxima (propriedade do dono da cabra morta), para pedir água de forma que ela pudesse preparar o “fato” e o jovem sertanejo é expulso aos gritos, experimentando, por sua vez, a humilhação que o levou ao choro “de vergonha e de susto” ao lado da mãe (Queiroz, 2022, p. 76-77). Após esse ocorrido, Pedro desaparece, deixando mais uma ferida na família sertaneja. Mais um filho havia desaparecido e a narradora dá a entender que é melhor morrer ou fugir do que ficar à mercê das dificuldades impostas pela realidade miserável. Por outro lado, pode-se observar a resistência do sertanejo na luta com as adversidades, visto que Chico Bento vem enfrentando obstáculos diversos, devido às condições sociais em que sua vida no sertão o levava a estar esperando salvar a si e aos seus da fome e da morte.

No capítulo 18 de *O Quinze*, a narradora descreve toda a trajetória dos retirantes, pela voz de Chico Bento. Em linhas resumidas estão os obstáculos, as adversidades, os sofrimentos, as perdas que a família vem enfrentando desde que a seca se abateu no sertão e o futuro, “incerto” (Queiroz, 2022, p. 103-105), aos quais, segundo a perspectiva de Ginzburg, pode-se atribuir o estado melancólico desses personagens que habitam os sertões nordestinos. Não se resume ao trabalho arranjado para Chico Bento, graças à influência do bispo (Queiroz, 2022, p. 107-109) e dela mesma, a “ajuda” que Conceição se dispõe a dar aos sertanejos. A jovem professora procura Cordulina e conta que quer adotar uma criança e propõe que seja Duquinha, o filho

mais novo de Chico Bento, do qual ela é madrinha. O pessimismo em relação ao sertanejo e ao sertão transparece na forma como a própria Cordulina se refere aos benefícios que resultariam para o filho pequeno, caso seja criado pela moça da cidade, Conceição, “fazer dele gente”, ou seja, como não pertencem ao espaço da cidade, eles não são gente, o que remete à forma como Euclides dava a conhecer a mistura de raças que se verificava na formação do povo brasileiro (Cunha, 2019, p. 110-111). Nesse esforço sobre humano, o sertanejo ia persistindo, junto com os empregados como João Marreca, que, para tentar manter a esperança de Vicente, recorda o apego sertanejo à religiosidade, “ter fé nos poderes de Deus e esperar... Pode ser que Nossa Senhora ajude...” (Queiroz, 2022, p. 127), já que, dos poderosos e influentes da Terra, pouca coisa se tem podido esperar.

4 Considerações finais

Como visto com Eagleton e Candido, é impossível separar a literatura do contexto em que é produzida. No Brasil, ela está entranhada em um tecido de acentuada desigualdade social e agressão constante aos direitos humanos. Em termos de cultura letrada, alguns esforços no sentido de representar a violência ensejada pela miséria foram feitos pela literatura, pelo cinema, pelos estudos sociais e também pela crítica literária. Neste sentido, acenamos aos pontos de vista de Glauber Rocha, Jaime Ginzburg e Sérgio Adorno sobre a violência como dado trágico na realidade brasileira. Não é de estranhar que, vivendo em condições precárias, sem acesso a trabalho, saúde e educação, expostos à fome e a todo tipo de abuso, uma parte da população também se veja impedida de acessar a literatura ou, mais simplesmente, o mundo letrado, para reclamar direitos que lhe são garantidos por lei.

No bojo das críticas à fome e no âmbito das reflexões letradas acerca de nossa estrutura social, nos detivemos sobre o pensamento de Josué de Castro. Pontuamos o caráter inovador com o qual o cientista olha para a cultura, e verificamos como os textos literários são empregados por ele para representar, de forma dramática e incisiva, a tragédia cíclica da fome e da seca no sertão. A partir das citações feitas por Castro, investigamos algumas dessas obras literárias indicando a empatia de seus narradores ao sofrimento dos sertanejos, seus caracteres de denúncia social e, também, a representação de rebeldias coletivas aglutinados nas figuras de beatos e cangaceiros. D’*Os sertões*, d’*A Bagaceira*, d’*O Quinze* e de *Pedra Bonita* ressaltamos

as passagens de que se serviu o autor da *Geografia da fome* para delimitar um campo de visão comum sobre a calamidade social produzida pela estrutura fundiária do sertão. O estudo permite delimitar problemáticas em torno da vida no sertão que, denunciadas na obra euclidiana, são ficcionalizadas pelos romances almeidiano, queiroziano e reguiano para serem interpretadas como documentos do real por Josué de Castro.

Por fim, pela leitura comparada entre *Os sertões* e *O Quinze*, foi possível indicar a semelhança de pontos de vista de seus narradores em relação aos problemas que envolvem a luta do sertanejo para vencer o meio hostil, sem, todavia, comprometer as tradicionais relações de propriedade. Verificamos, de forma cotejada, a representação n' *O quinze* como n' *Os sertões*, da violência impingida aos mais fracos/pobres, os traumas deixados por ela, o estado de melancolia pelas perdas humanas e materiais. A visão desencantada, aqui, é a visão de narradores que não conseguem aderir à ética religiosa de uma civilização arcaica, tampouco a perspectivas redentoras pautadas pelo progresso e, muito menos, a utopias revolucionárias.

LITERATURE, VIOLENCE AND HUNGER: CONVERGING POINTS ON THE LINES OF OS SERTÕES, A BAGACEIRA, O QUINZE AND PEDRA BONITA

Abstract: The article discusses the literary works *Os sertões* (1902), by Euclides da Cunha, *A Bagaceira* (1928), by José Américo de Almeida, *O Quinze* (1930) by Rachel de Queiroz, and *Pedra Bonita* (1938), by José Lins do Rêgo, aiming to identify points in common, such as the compositional violence of the sertanejo's formal structure: hunger and the environment – natural and social – hostile. The study allows delimiting issues around life in the hinterland that, denounced in Euclidean work, are fictionalized by Almeidiano, Queiroziano and Reguiano novels, observing the relationship between literature and the context of its creation. The approach makes it possible to glimpse the literature as a way of provoking reflections, other perceptions in the face of the reality of violence with which individuals have become accustomed, and may contribute to changing this situation, especially when it is verified, day by day, the increasing number of its victims.

Keywords: Literature and violence. Literature and hunger. Literature and society.

Referências

ADORNO, Sergio. A violência na sociedade brasileira: um painel inconcluso em uma democracia não consolidada. *Sociedade e Estado*, v. 10, n. 02, p. 299–342, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44055>. Acesso em: 6 mar. 2023.

ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Secretaria de Educação e Cultura do Governo do estado da Paraíba, 1978.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. O sertão em surdina (Ensaio sobre O Quinze). *Revista Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 108-118, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/18330/20393>. Acesso em 28 jun. 2022.

CAMARGO, Luís Gonçales Bueno de. *Uma história do romance brasileiro de 30*. 2001. 953 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem - Departamento de Teoria Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

CANDIDO, A. Nature, elements et trajectoire de la culture brésilienne. In: COLUMBIANUM. *Terzo Mondo e Comunità Mondiale: Testi delle relazioni presentate e lette ai congressi di Genova*. Milão: Editore Marzoratti, 1967, p. 411-416.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome* (o dilema brasileiro: pão ou aço). 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CATTAPAN, Julio Cesar Rodrigues. O Quinze: contrastes e tensões. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 99-114, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/viewFile/3910/15752>. Acesso em: 28 jun. 2022.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica e organização de Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ubu Editora/Edições SESC São Paulo, 2019 [1902].

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GINZBURG, Jaime. Literatura e direitos humanos: nota sobre um campo de debates. In: *Crítica em tempos de violência*. 2010. 300f. Tese (Livre docência em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010a. p. 107-117.

GINZBURG, Jaime. A violência constitutiva e a política do esquecimento. In: *Crítica em tempos de violência*. 2010. 300f. Tese (Livre docência em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010b. p. 123-137.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. São Paulo: Autores Associados, 2013.

NATALI, M. P. Além da Literatura. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 11, n. 9, p. 30-43, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19710/21774>. Acesso em: 20 mar. 2023.

ONU. OHCHR and the human rights dimension of poverty. 1996-2023. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/poverty>. Acesso em: 28 fev. 2023.

QUEIROZ, Raquel. *O Quinze*. 117. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

RÊGO, José Lins do. *Pedra Bonita*. Rio de Janeiro: José Olympio, Civilização Brasileira, Editora Três, 1973.

ROCHA, Glauber. Eztetyka da fome 65. In: ROCHA, Glauber. *Revolução do Cinema Novo*. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 63-67.

ROSSI, Marina. Quando a seca criou os 'campos de concentração' no sertão do Ceará. *EL PAÍS Brasil*, Senador Pompeu, 04 jul. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/08/politica/1546980554_464677.html>. Acesso em: 05 jul. 2022.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Josué de Castro e a *Geografia da fome* no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, vol. 24, n. 11, p. 2710-2717, nov. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Hmz96PxNBvLzRv4LC5ZGLGR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 2 fev. 2023.

Recebido em 30/03/2023

Aceito em 26/11/2023

Publicado em 30/11/2023